



AVE-AZUL

DIRECTORES:

Beatriz Pinheiro e Carlos de Lemos

Fascículo n.º 5

VIZEU, 15 DE MARÇO DE 1899

CHRONICA



Triumpho da Arte:—Um verdadeiro triumpho, não é verdade ?

Num carro d'oiro, sob a purpura do manto armado em docel por um sopro do genio, uma mulher, na mão a Lyra, gloriosa como uma hostia em lausperene, segue, por cima das nuvens, os olhos ao longe fitos na clara luz do Sonho que lhe illumina o rosto numa aureola de beatitude...

E deve ser bem lindo esse sonho: que a mulher que ao lado se lhe debruça, numa adoravel attitude de fervoroso e espontaneo applauso, se tem rosas nas mãos com que enflorar-lhe o regaço, parece que só olhos tem para mergulhal-os, apoz os d'ella, extasiados—como um casal de pombas que outro casal de pombas siga—no radioso sol que surge ao longe, visivel para ella tambem, como se a Fé lhe abrisse os olhos ou lhe desvendasse o futuro... E atraz, numa ronda encantadora, vão anjos descendo das alturas do ceo sobre as alturas da terra (pois não são as montanhas as grandes inspiradoras—

o Horeb e o Sinai?... e as grandes divinificadoras também—o Thabor e... o Golgotha?...) suggestiva alegoria dos Genios, filhos da Arte, que de seculo a seculo baixam cá ao mundo para nos deslumbrarem olhos e coração—portadores d'uma parcella da eterna Belleza—no absorvente encanto da luz que comsigo trazem, da luz em que os olhos da Arte, lá no alto, se lhe absorvem.

E todos aquelles bellos corpos de mulher, nós em todo o esplendor da Carne que a chamma d'um grande talento espiritualisou, longe de offenderem os olhos ainda os mais castos ou de perverterem os corações ainda os mais fracos, como que pelo contrario olhos e coração nos arrebatam de cá, das misérias d'este Valle de lagrimas e de peccados... para lá—para onde a Arte caminha em plenissimo triumpho, sem que a Inveja consiga travar-lhe a carreira ou ennevoar-lhe do seu bafo o resplendor: como se aquelle esplendido triumpho da Arte fosse ao mesmo tempo o triumpho esplendido d'essa *argila ideal* que é a carne da Mulher, que, porque é a incarnação da Belleza, é, consequentemente, a Bondade personificada.

E' que todo aquelle nú é o *nú grandioso e pudico das rosas* de que nos falla René Ghill, num dos bellos versos das *Légendes d'âme et de sang*:— não arripia os nervos num desejo; dobra os joelhos numa adoração.

Tal, muito de leve esboçada, a impressão que nos deixou o bello grupo que Almeida e Silva enquadrou numa primorosa arcada manuelina com as armas de Vizeu ao centro ladeadas por dois leões heraldicos e ao fundo numa longa grinalda de deliciosos crisanthemos que parecem rebentar da terra avelludados e frescos, como os frescos e avelludados corpos de mulher que na crystallineidade do ceo levemente doirado realisam, por assim dizer, a admiravel estrophe de Villon :

*Corps féminin qui tant est tendre
Polly, souëf et pretcieulx...*

Appropriação, no conjunto das figuras, da gravura d'um quadro de Fontane—*O Triumpho da paz*—, o *Triumpho da Arte* de Almeida e Silva, pela excellencia do colorido e pela expressão das phisionomias, deixa de ser uma simples copia para se evidenciar, embora com o aproveitamento de figuras por outrem concebidas, um quadro novo e original—bem de Almeida e Silva que, realisando-o, nelle deixou claramente authenticada a sua personalidade artistica, tanto em relevo destacam as qualidades caracteristicas do seu pincel. Mas—e aqui resalta a modestia do illustre artista vizeense—a tela do theatro tem no fundo, a um lado, o nome de E. Fontane, imitada até um pouco a lettra: o nome de Almeida e Silva apenas subcreve a arcada manuelina que, com a grinalda de crisanthemos, de todo o quadro é o que, levado o escrupulo á maxima meticulosidade, elle apresenta como obra verdadeiramente sua.

D'ora avante pode pois Vizeu orgulhar-se de que tem um theatro digno de ver-se—só por aquelle panno de bocca, onde o grande artista deixou mais uma vez confirmado o seu indiscutivel talento.

Triumpho da Arte, sim: e triumpho do artista tambem.

Que esse filho do povo—porque o é e de sel-o se orgulha—venceu, bem alto o affirma a ovação espontanea e unanime, que o acolheu depois de chamado ao palco, na noite de 26 do passado, ainda antes de ter começado o espectáculo, como se toda a sala, certa de que ia ver o triumpho da Arte na pessoa de Lucilla Simões, para quem todos os applausos seriam poucos, quizesse, numa solemniissima obra de justiça, dar as primicias das suas palmas ao Artista que, num fecundo arranço de talento, deixara ali eternisada na tela a realisação do prodigio que em breve iria operar-se...

E o prodigio operou-se: e foram poucas todas as palmas realmente: Lucilla, no papel de Nora, é... o triumpho da Arte:—que mais dizer?—é o triumpho da Arte.

E assim, aquella noite—a noite de 26 d'abril: temol-a todos na memoria, não é verdade?—foi, a todos os respeito, uma inolvidavel festa de espirito: e, porque o foi, é que, se bem que outros assumptos lhe reclamassem a attenção, não poudes a Chronica deixar de occupar-se d'ella, consagrando-lhe estas despretenciosas linhas que valem apenas como um *recuerdo*: nada mais.

CARLOS DE LEMOS.



SALLA DE VISITAS

De HENRIQUE DE VAZ CONCELLOS

VIDA E MORTE DE SANTA AFFRA

A' Sr.^a Condessa de Valle-Flor



(CONCLUSÃO)



pparecera já o terceiro serviço: pavões emplumados, inteiros, as magestosas caudas abertas, como um recurvo engaste bysantino, fundo azul coagulado de pedrarias, amethystas e turquesas, rapidos brilhos de esmeralda e, fugitivamente, a pallidez d'uma cimophana que desmaiava. Aberto o ventre, uma nuvem de pequenos passaros brancos cahia.

Todos os convivas vestiam togas brancas e coroavam-se de rosas. Só o grego Timogene de Salamina, que entre os aziaticos passara a sua mocidade, no desmembrado reino dos Seleucidas, trajava á oriental, com extranha riqueza de tecidos e um grosso fio de carbunculos a escorrer do pescoço até o peito, sustentando um amuleto extravagante.

Em vez da mesa romana, com leitos em que a embriaguez dos convivas encontra repouso, Affra fazia servir-se á grega. Apenas, pelo calor estival, que abrasava, mandára servir o banquete, no jardim, sob um velarium de seda pallida, côr das rosas amarellas quando vão a desfolhar, e que os ar-

chotes illuminavam, em fogachos, queimando resinas aromaticas, que se misturavam ao perfume das flores e dos vinhos e ao perfume dos corpos untados d'oleos.

Epicuro, a barba preta e frisada, lustrosa como a d'um antigo rei assyrio, olhava ternamente Briseia, loira e rosada, e fresca, como uma fructa nova, que escutava o discurso do seu visinho Quinctius Metellus Rufus, de familia consular, sectario do philosopho grego Aristippo, que lhe dizia a inutilidade de guardar qualquer virtude.

— A virtude é uma chimera, que uns barbaros barbudos levaram em tempos a Athenas e que um ignorante, Socrates, quiz espalhar por sua conta. E os cidadãos importantes, os juizes do Areopago, os membros do Archontado, avisadas e atiladas pessoas, vendo o prejuizo que essa ideia nova trazia á sociedade, deslocando, pela mudança d'ideias, o viver dos homens, mandaram-o matar. O que elles chamam virtude, isto é, o fim da vida, é dar prazer a todas as partes do corpo, desde a cabeça aos pés, a maior somma de prazer possivel, sem esquecer um pedaço, como o tamanho d'um as de cobre. E' como se o prazer fosse uma chamma e quizessemos assar o corpo. Viral-o e reviral-o sobre o lume, até que Acheronte nos venha dizer que a barca apodrecida está prompta e Minos, o juiz inflexivel, nos espera na outra margem. A vida é feita para o goso e não para riscar a cera das tabuas nem andar em guerras, em que o corpo se cança. As tuas mãos precisam d'essa chamma divina: deixa-me beijal-as.

-- Parece-me que erras, respondeu M. Gayus Lampa, de illustre nobreza romana, tribuno militar na Germania. Se por impossivel existisse a verdade, o que eu nego e negaram grandes philosophos antes de mim, que nada sou senão um curioso, e nada valho, essa verdade seria tão pouco nitida e tão vaga, que nós não poderíamos apprehendel-a. Seria composta de todos os aspectos e de todas as apparencias, do verde das arvores, do vermelho das rosas, do ruivo das chammadas, do azul do ceo, do branco das neves, das curvas e das rectas, que se fragmentariam, para amalgamar a Verdade,

que não haveria golpe de vista que a apprehendesse, porque seria do tamanho da terra, iria das Affortunadas ao Indico, do Caucaso á Lybia. Então porque affirmar que o fim da vida é gosar, e não soffrer, como querem essas gentes supersticiosas do Christo da Galilea, ou nada fazer como oiço contar haver povos da Asia que o affirmam?

Timogene, que conhecera os brahamanes, teve um gesto d'assentimento. Gayus invectivou:

— O que sabeis pois, se nem comprehendéis que ignoraes tudo?

— O fim da vida é supportal-a, disse lentamente Epicuro. Este vinho que bebo é bom; pois é bebel-o, sem repugnancia, até fartar. Se a bocca fina e quasi ensanguentada á força, de vermelha, de Briseia é agradável de beijar, como quero acreditar e mesmo provar...

— Quem sabe se a minha bocca é boa?... A's vezes dá dentadas...

— Se a tua bocca é doce aos beijos, é beijal-a até adormecer nos teus braços, se é má é fugir d'ella. Se um dos teus livros, ó contradictorio Gayus, contradictorio como a tua ascendencia, que é composta d'heroes e de vendedores de carne de porco, no bairro Suburra de Roma, onde o vinho é mau e as mulheres faceis, se um dos teus livros me agrada, desenrolo-o gostosamente; mal escripto ou mal pensado — o que dá na mesma, pois quem pensa bem escreve bem— atiro-o fóra e não o enrolo cuidadosamente no cabo de marfim para engrossar a minha bibliotheca. Este é que é o fim da vida: ser agradável ao nosso corpo e ao nosso espirito, sem receio dos deuses, que não existem, como já não existe vinho no meu copo, sem medo a Minos e a Cerbero, que são phantasmagorias dos Poetas e das gentes sem philosophia, conforme o affirma o meu mestre e homonymo Epicuro, o primeiro entre os homens do mundo, pois quando a gente morre é como se fosse um cão que estoirasse, acaba de vez, como o vinho que floria esta jarra e que passou todo para o meu esto-

magos e irá, no meu figado, crear novos amores, se Briseia repellir o que lhe offereço.

—Consente, interrompeu M. Gayus Lampa, que, com dois argumentos velados...

—O' que agradável final de festa arranja esta gente! Mais parecem scythas que cavalleiros romanos. Fallem d'outra coisa. Ou melhor, canta-nos uma canção de Corintho, Affra... Aquella que falla nas uvas e nas nymphas, cujo rythmo é ligeiro como o d'uma trireme que desliza...

—Pois sim, Briseia... Traze a lyra, Pamphilus.

Trouxe a lyra o escravo. A principio lenta, em sons tenues, quasi aphonos, a lyra gemeu de saudade. Depois, um canto voou pelo espaço sereno, onde scintillavam estrellas, em risadas, em festas, dizendo a formosura dos bosques floridos, onde, pela noite, ao luar, brilham corpos leves de nymphas abraçadas pelos satyros. Cantou os vinhos de Coryntho, os jardins perfumados, onde velam pequeninos Priapos e Pans capripedos. E a gloria da Natureza sahia dos seus labios, subia, aluarava o ceu escuro, crivado de pestanejamentos das estrellas.

Quando acabou, um escravo veio annunciar que dois estrangeiros pediam pousada.

—Manda-os entrar e que venham para aqui.

—Não dês a estrangeiro pousada em tua casa, Affra, censurou Gayus, porque não sabes tu a quem a dás, e o menos que te podem levar é as tuas mantilhas ou as tunicas ligeiras que usas, para melhor mostrares o teu corpo, cujo perfume vem até mim, embriagando-me mais do que esse vinho secco e picante que nos deste, ao que dizem fabricado em Chio por mãos habeis de escravos. Alguma coisa te roubam: que não seja senão a quietação levada em troca do enfado, que elles trazem consigo, constante e religiosamente, como Timogene, aquelle amuleto, magico, que um barbaro lhe deu, certa noite em que o vinho correu das taças, mais caudalosamente. Podem levar-te, tambem, sob forma do Amor, o socego d'Alma. E tu que nunca amaste, guarda-te bem, porque a Deusa, a

quem te offereceste, ainda nova, não deixa que lhe devam sempre, e Cupido, que em vossa lingua chamaes Eros, tirará de sua aljava afiada setta, que te penetrará no figado e fará nascer essa doce e terrível enfermidade, loucura furiosa, cujos effeitos, a que os proprios deuses não escapam, aviltam o sabio e degradam a humanidade.

—Fallaste bem e compridamente, como escriptor que és, mas deixa-m'os receber, que assim o aprendi de minha mãe, a receber e abrigar aos que me pedem gasalhado.

Precedidos pelo escravo entraram dois personagens, um velho, o cabello e a barba côr de prata, uma cruz de madeira sobre o peito e outro ainda novo, ambos macerados, como cansados da jornada da vida.

O mais velho teve um largo gesto de benção :

—Deus seja convosco!

—Pelas tuas palavras e pelos signaes incantatorios que fazes, disse Gayus, vejo seres d'esses supersticiosos crentes do Christo judeu, gente má e invejosa. Lembro-me que ha mezes, indo eu com Rhodoclea, pelos campos, encontrei um mendigo no caminho, que, de joelhos, braços abertos, parecia dizer palavras magicas, apprendidas, julguei eu, com os discipulos d'Apollonius de Thyana, impostor que appareceu em Athenas ha centenas d'annos. Como eu apertasse em meus braços o corpo airoso de Rhodoclea e da minha bocca á sua e da sua á minha passassem beijos, o homem gritou-me imprecações, fallou-me na ira divina e apedrejou-nos. Soube depois que era um christão, como vós, gentes que se armam de calhaus para atacar os que, alegremente, sem molestar ninguem, passam pelo caminho. Nem ver-vos quero. Retiro-me, Affra.

—Não julgues, mulher caridosa, defendeu o bispo, ao ver sair apressadamente Gayus, que eu sou um sedicioso, levantando as multidões contra os que vivem tranquillos. Eu venho de longe e em longes terras tenho estado, ensinando aos pequenos, aos humildes, e mesmo aos soberbos, que a graça de Deus tornou humildes, o amor divino e o amor hu-

mano, o segredo de abrigar nas Almas, eternamente, por toda a consummação dos annos e dos seculos, um grande amor que nunca morre, que perfuma as Almas e tal belleza dá, que as creaturas que o sentem, desprendem-se da miseria da nossa condição para subirem aos cyclos astraes onde o goso existe perfeito e redemptor.

—Vens fallar de nymphas e d'artes incantatorias, interrompeu Epicuro. Sabe pois, que Epicuro varreu do ceo os vãos terrores e que Deuses, nymphas, gigantes, centauros, pans, sylvanos, só existem nas cabeças dos ignorantes e que um sabio não acredita em Deuses !

—Eu não sou d'aquelles que acreditam, que nas florestas passeiam mentirosas mulheres, nem os vossos deuses encontram no meu peito o gasalhado. Eu fallo em nome d'esse Deus novo que na Judeia appareceu, chamando a si os que eram pequenos e choravam. Eu ando pelo mundo, apedrejado ás vezes, ouvido outras, prégando a palavra que Jesus a quem os gregos chamam o Christo, que quer dizer salvador, ensinou aos seus discipulos. E essa palavra é tão ampla que, mesmo distillada pela minha bocca indigna, penetra nos corações, aclara os espiritos, dá-lhes azas para voar aos ceos e alli beijar os pés sangrando do divino redemptor, que numa cruz ignominosa se deixou victimar para salvar os que por este mundo afadigados andam, vestidos de peccado e envolvendo peccado, pustulentos, estercorarios. Eu trago nessa benção que de idade em idade vae sendo transmittida, braçadas de perdões e de esperanças, como molhos de flores, cuja vista refresca no mais intenso calor. Vivi isolado, nuns desertos asperos chamados da Thebaida, disputando ás feras um covil e comendo raizes. E nessa solemnidade d'Alma, apercebi Jesus, que me lançou, sua fala como uma estrella em todo o seu esplendor, a palavra, que é mais que um balsamo, perfumada mais que todos os aromas da terra, mais clara do que a reunião numa só de todas as manhans que teem illuminado as montanhas e planicies, doce, infinitamente doce, duma doçura espiritual que anniquilla, que nos envolve a Alma, como um banho de quintes-

senciadas branduras. E essa palavra era: «Vae, Narcisus, e ensina». E vim, dos desertos aridos, onde a minha Alma, na contemplação, achava ineffaveis doçuras, pelas cidades e aldeias, ensinando a doutrina, clamando contra os vícios que incendeiavam palacios e casebres, e a todos mostrando o ramo ben-to d'oliveira, que pacifica.

Affra ouvia-o, extasiada, sem dar fé, que os convidados, um a um, se iam retirando, deixando-a só com Narcisus e os escravos que escutavam attentos. A um canto, prostrado talvez da longa caminhada, o acolyto do bispo Narcisus dormitava.

Os archotes iam-se consumindo, deitando de quando em quando, alta, irregular, dentada, uma labareda sinistra. Pelo vão que deixava o velarium entrava o silencio da planicie, que uma lua branca enchia de mysterio envolvendo os contornos na fina poeira de prata.

Narcisus continuou :

— Eu sei, mulher, que a tua vida não tem sido clara e sem nodoas, como as tunicas brancas que os candidatos vestem, mas para todo o crime eu trago o perdão. E em troca desses amores facéis, que accendem labaredas no teu peito, eu trago este, suavissimo, em que te fallei, que te abrirá os olhos para ver paysagens nunca sonhadas, divinos banquetes de convivas espirituaes, e danças mysteriosas d'anjos batendo as azas, em sombras de sons, uma vida illuminada por todos os resplendores, uma vida que começa, quando a morte chega e é eterna e bem aventurada.

—Homem, sejas tu quem fôres, eu sigo-te, pois a tua palavra entra-me no peito, como se um oleo me passasse sob a pelle.

E deante dos olhos candidos e serenos de Narcisus, que se riam, ella deitou fóra os anneis que lhe mordiam a pelle branquissima, cobriu o seu corpo d'uma tunica curta e sombria de escrava, e, sem uma lagrima, sem uma saudade, sahio de sua casa com Narcisus apressadamente, como se fuge d'uma emboscada.

Atraz d'ella correram as tres escravas gregas, que com ella tinham vindo de Corintho, Eutropia, Digna e Eunomia.

—Senhora, eu irei comvosco ! clamou Eutropia.

—As minhas lagrimas mitigarão a vossa sede, se a tiverdes um dia ! soluçou Eunomia.

—O meu coração abrigará a vossa dôr, disse Digna.

E pela noite branca, em que a lua armava embuscadas nas curvas dos caminhos, seguiram todos, atraz de Narcisus, sem medo da lua, sem medo dos pequeninos Priapos, que espreitavam dos jardins e os Pans, que nas fontes, davam ás aguas as vozes cantantes das suas avenas.

*
* *
*

Algum tempo viveram, entre os bosques cerrados onde uma capella foi armada, louvando o Senhor nas suas obras e nas suas palavras.

Pelo chão abriam os seus olhos timidos pequenas flores silvestres. E todas ellas iam florir o altar do verdadeiro Deus.

Os dias passavam-se na contemplação e á tarde, reunidos todos, singelamente louvavam o Senhor por ter feito o descanço que apasigua as tempestades d'Alma, por se ter dignado lançar os olhos, de misericordia plenos, sobre as Almas dos que padecem. Depois cada um, nalguma gruta que algum animal habitara outr'ora ia dormir tranquillo, certo de que Deus abençoaria o seu somno, pois a vigilia era toda a elle consagrada, sem peccados que pusessem laivos sangrentos na vista d'olhos lançada, antes d'adormecer, sobre as obras do dia.

Uma tarde em que as azas dos ventos corriam sobre as arvores, cantando, Affra, que depois d'orar, se deitara sobre um molho de palhas seccas, sentiu alguem que entrava pela gruta e julgando ser uma das suas companheiras, sem volver os olhos lhe perguntou pelo que vinha.

—Affra, outr'ora amaste-me e venho pedir-te que me escondas, contra os inimigos que me perseguem.

Affra voltou-se; e, no crepusculo que envolvia a paisagem, sonho de luz, quasi a diffundir-se na noite, viu a figura d'um satyro, carbonisada, na entrada da gruta, os pés-de-cabra firmemente assentes, mas o rosto pendido sobre o peito, num gesto amortecido de desanimo.

Attonita, não deu um grito, não se mexeu, mas os seus olhos aterrorisados pareciam duas espadas a querer ferir o fugitivo.

—Não me olhes assim, nem me expulses, que eu não te faço mal. Guarda-me da ira d'essa gente nova que vem derribando os altares dos deuses e, com palavras incantatorias e gestos magicos, expulsando das florestas o rir doirado das faunezas e o cantar alegre dos satyros. Já se não vê, pelas noites claras, ranchos de nymphas e de faunos dançando a ronda, cobertos de flores, coroados de rosas, espalhando por todo o ceu e por toda a terra a alegria pacifica, que, junta á serenidade das arvores, e das fontes, era um bello hymno, grato ao coração dos deuses. Andamos todos fugidos. E os proprios sylenos vão morrer nos recantos mysteriosos, com saudades dos tempos doirados em que o vinho era farto. Ando eu fugido, correndo em busca d'um abrigo, como um escravo que assassinasse o amo e vagueasse espavorido com medo ao pretor. Dá-me gasalhado, mulher, que eu irei mostrar-te um altar escondido entre folhagens, que a devoção d'um pequeno pastor cobre de flores e de queijos brancos, e lá irás, sem ninguem suspeitar, depôr offerendas, queimar coxas gordas de animaes, em honra de Venus, a tua protectora.

Na figura do satyro que assim lhe fallava, lembrando a falsidade dos deuses antigos, Affra viu o demonio, o tentador, que vinha mostrar-lhe, como certa noite, a Jesus, as glórias vans da carne, o contentamento fallaz dos sentidos, crear a formosura das flores ante os seus olhos purificados, tão cheios da luz divina que estavam cegos á mentirosa belleza dos Aspectos e só tentavam ver—e só viam—a verdade essencial e unica—Deus.

Voltada a si do primitivo pasmo, lembrou-se dos exor-

cismos e das tentações que se enlaçavam aos corpos macerados dos ascetas e d'um largo gesto das suas mãos descarnadas lançou no ar o signal da cruz, que brilhou rapido, na escuridão phantasmagorica da gruta.

O satyro fugiu, batendo o chão rythmicamente o duplo casco dos seus pés-de-cabra. E ainda ao longe, avolumando, enchendo o horisonte, a silhueta negra corria perdidamente, coroada de flores, toda vestida de flores, como uma roseira fecunda em plena florescencia.

D'ahi em diante, não mais Satan tentou golpear de duvidas e de saudades o peito unido d'Affra, onde Jesus escolheira abrigo.

A Alma posta em Deus, longos annos passou, em contemplação e jejuns, até que um dia legionarios ferozes de curtas espadas e broqueis brilhantes a levaram, com suas companheiras, ante o pretor M. Gayus Lampa.

Macerada, o jejum cavara-lhe na pelle, d'antes macia e perfumada, rugas profundas e nas arcadas sob que os olhos abrem para lançarem a chamma sobre o mundo, duas foices violaceas alastravam-se, tentando cobrir a face toda onde a bocca voluptuosa da cortezã se afinara, mas sangrava ainda, sangue dos beijos antigos, de labios outr'ora mordidos em noites angustiosas e boas, noites de facadas e de estrellejamientos, noites vermelhas em que o sol parecia abrir no ceo a cauda dos Poentes incendiarios.

A sua figura, porém, aristocratisara-se. A magresa fize-ra afinar mais as linhas do corpo airoso, e as suas mãos fuseladas, esguias, sem anneis, ogivadas em attitudes de prece, pediam brilhos fulvos de pedrarias, os braços nus, brancos, onde corriam ligeiramente riscos azues de veias convidavam manilhas a contorcer-se na pelle fina e branca.

Mal a viu o pretor conheceu-a, e o Passado que fugira, de risos e de vinhos, os tempos floridos pelos beijos de boccas novas, tornou-se-lhe presente na memoria, e alegre, suppondo facil a victoria sobre a antiga cortezã, que voltaria a illuminar a aridez da cidade imperial e calada, gritou-lhe :

—Tu, Affra! Por Jupiter e por Mercurio, estava longe de te ver! E estás tão bella como d'antes, por não ser possível ultrapassar a formosura d'aquella Affra, cuja casa era uma miniatura do Olympo.

Calada, a cortezá olhava para o ceo, ouvidos surdos á voz que o demonio distillava pela bocca exangue de Gayus.

O pretor continuou:

—Sabes que és accusada de renegar o culto dos deuses e de andar emparceirada com essa detestavel gente, que adora o Christo, supersticiosa gente, que anda arredada, fazendo sortilegios e incantações, quebrando as figurinhas rusticas que adornam as fontes e os pequenos altares dos pastores? Sacrifica aos deuses, que serás perdoada, senão, apesar da nossa antiga amisade, terei de mandar matar-te, porque o imperador furioso com a diminuição extraordinaria dos sacrificios —d'isso o persuadiramos pontifices—recomendou a perseguição d'essas feras, que apedrejam os que passam.

—Pretor, lhe respondeu Affra, sem mostrar reconhecei-o, eu não sacrifico aos teus falsos deuses. Dizes que Cesar te manda castigar-me com a morte: que importa? E'-me doce o castigo, pois morro por Aquelle que numa cruz d'ignominia, entre dois ladrões, expirou para nos lavar de toda a macula.

—Affra, continuou o pretor, lembra-te da vida ridente e clara que outrora levaste, das cerimoniaes, dos sacrificios cheios de flores e de festas, em que a Alma saía contente, como se os deuses a tivessem acariciado. Lembra-te, tresloucada, que, para ti, a vida ainda seria uma viagem saborosa, como aquelle que vae por um rio d'aguas lentas num navio enfeitado, com tocadores habeis a rythmar o movimento ligeiro dos remos, que levantam perolas e aljofares, entre cortezans lascivas. Renega esse Deus enfadonho, que não pode ter abrigo no teu peito lindo, onde me foi doce adormecer ás vezes, sonhando coisas de embriagar. Um Deus crucificado entre ladrões!—concluiu M. Gayus Lampa, com desprezo.

—Não queiras tentar-me, homem mau, que eu não sacrificarei aos falsos deuses.

Gayus replicou-lhe, irado, apesar da sua philosophia branda e benevola, desculpando os erros, porque tudo julgava erro, tudo illusão e apparencia :

—Os christãos apregoam-se puros de toda a macula : como ousas tu, hetaíra, dizer-te christã?

—Certamente que sou indigna de ter esse nome. Mas aquelle que desceu dos ceus abriga em seu peito infinito todos os que nelle creem—e eu creio nelle. O ladrão foi perdoado, porque O confessou.

—Sacrifica aos deuses, irrompeu Gayus, que, se o não fizeres, mandarei despir-te esses farrapos que te cingem o corpo e açoutar-te-ão deante de todos os teus amantes: de toda a cidade d'Augsburgo.

—Só tenho vergonha dos meus peccados.

O pretor encolheu as espadas, desanimado deante d'aquella pertinacia singular. Queria salvar a louca, que desde os doze annos puzera o seu corpo á venda, como nos açougues a carne vermelha dos bois põe o magarefe, e que, um dia, doída, apaixonada por um estrangeiro, fugira de casa e negava-se a sacrificar aos deuses.

—Pois bem, concluiu tranquillo e indifferente, em nome de Cezar, condemno-te a seres queimada.

*
* *

Em Ausburgo, no meio da praça junto ao rio Lech, que passava cantando entre os choupos altos e claros, amarrada a uma estaca, toda nua como uma deusa, apenas os cabellos pretos a entenebrecerem a pelle branca, Affra esperava que os algozes preparassem e accendessem a fogueira que havia de purificar seu corpo conspurcado por toda a lascivia, e que a lingua da chamma havia de lambe cauterisando todas as chagas invisiveis que os beijos maus e vermelhos ali tinham aberto.

Um dos algozes, germano alto e de compridas barbas arriçadas, troçou :

—Ahn?! Que boa carne assada!

—Antes a queria crua, casquinou o outro.

E enquanto dispunham em volta d'Affra a lenha, tal como nas hecatombes, d'onde sae um fumo branco espesso e perfumado, iam cantando:

A lua é uma barquinha
Que vae no ceo a boiar.
As estrellas são peixinhos
Atraz da lua a nadar.

Um d'elles invectivou Affra:

—Eh, mulher! é mais agradável sentir a resina das caçoilas, hein? que o cheiro da lenha em que a gente vae ser torrada?

Affra não ouvia. Os olhos fechados, tornando mais sombria a palpebra os cilios longos, a bocca cerrada, dirigia a Deus as suas preces, pedindo que lhe augmentasse as dores do miseravel corpo que tanto peccara, para ser digna, lavada das grandes manchas por um soffrimento cruciante, de entrar no reino de Deus, onde o Ineffavel tudo cobre e tudo penetra.

—Vamos lá a isso!

Com hervas seccas, o fogo doirou a madeira, brincou, saltou, correu por entre as varas e lambeu o pé branco d'Affra.

Um rictus de dôr lanhou-lhe a face, rasgando mais a bocca e os olhos pretos abriram-se aterrorisados, alagados de lagrimas.

O fogo, mais ruivo, ora com reflexos d'oiro na ponta, ora sanguineo, subiu, em labaredas, crepitante, abaixando-se, para se erguer mais alto, envolvendo já os joelhos d'Affra. Sentia-se no ar um perfume acre, de carne queimada, misturada á resina da madeira.

Serenamente, os dois soldados, mais vermelhas ainda as faces pelo calor do fogo e mais ruiva a barba que parecia incendiada, dispunham mais lenha.

—Mal empregado fogo. Assava-se dois cabritos n'elle.

Affra não parecia soffrer já. Sentia, ao mesmo tempo que

no corpo a chamma mordida, numa dolorosa caricia assassina, a alma envolver-se n'um nevoeiro fresco, que a levava para altas regiões. De repente, como a flamma alta lhe queimasse o peito, julgou abrir os olhos, e sentiu-se no meio d'uma magica illuminação de estrellas, irradiação de toda a luz sideral, luz que perfumava e cantava, harpa, caçõila e archote — luz suave e doce que envolvia a alma, que a affagava e acalentava, resguardando-a de toda a dor, parecendo filtrar-se por todos os poros, levando todo o Praser infinito, que Deus esparge sobre os seus eleitos.

Continuava na ascensão : e os seus olhos cegos á miseria da terra que sabia existir em baixo, fumante e estercoraria, só viam a Resplandescencia que no alto amanhecia, como se, para um baile astral e luminoso, se reunissem todas as estrellas, a theoria deslumbrante dos planetas, a variada nomenclatura dos cometas, que fustigam o espaço com o rastro brilhante das suas caudas loiras, como tranças cahidas.

Mais e mais subiam as linguas ruivas do fogo ateado, rodeavam-lhe o pescoço, tinham-lhe beijado a bocca, mordido os labios papoulaes, que mostravam os dentes brancos, cerrados, no vacuo que o fogo abria; tinham alçado mais e queimado as palpebras, esfarrapado todo o rugoso tecido da pelle, calcinado os olhos, num instante engulido a cabelleira preta, onde laivos azues passavam, e Affra, sem dores, alheia ao martyrio, purificada pela lingua lustral do Fogo, continuava a subir entre deslumbrantes filas d'anjos, que batiam as azas, fazendo nascer uma melodia inviolavel, lançando no Infinito o infinito da Harmonia, até que foi, entre braseiros de estrellas, queimando espirituaes perfumes, que não entravam pela porta grosseira dos sentidos, rodeavam logo a Alma, até junto de Deus.

Ante o seu corpo já cadaver, que desprendera todo o seu perfume evolado para o ceo, um dos algozes troçava :

—Hein ? ! Assada de todo !

Luso—junho a julho de 1898.

De CARLOS DE MESQUITA

A MANOEL DA SILVA GAIO

DANÇA MACABRA



Viu o monge, a' sonhar, d'uma nevoa cerrada
Surgirem porcos ás centenas, aos milhares,
E partirem, correndo anciosos, pela estrada
Cheia de lamaças e de immundos manjares.

Disputam ferozmente as delicias do lodo,
Ha combates de morte em frente das vitualhas;
Já de mortos e sangue o chão se innunda todo . . .
Dentro em pouco ensurdece o estridor das batalhas.

Mas gritos de triumpho e ralos de vencidos,
Espasmos de prazer e contorsões de dôr,
Grunhidos de afflicção e soffregos grunhidos,
Observa-os a distancia, ironico, o pastor.

Observa-os a distancia o pastor-esqueleto,
Com um riso cruel, sardonico, de gelo.
Nos seus hombros ondula um longo manto preto,
Brilha na sua dextra a folha d'um cutelo.

O seu manto limita o horizonte. E o seu braço
Não cessa de brandir o instrumento de morte:
Monotono, tenaz, tranquillo e sem cansasso,
Do vencedor eguala e do vencido a sorte.

E não pára um momento o ascoroso combate,
Não páram de surgir da treva os combatentes;
E o ferro do pastor sem repouso os abate,
Com golpes maquinaes, infalliveis, cadentes.

E não cessa o seu riso immovel de caveira,
Por ver que a causa da carnagem não é mais
Do que o repasto indispensavel á carreira
Que o vencedor conduz aos seus golpes mortaes.

.....

E o monge despertou. Um repique de sino
Chamava ás rezas da manhã. Pastor e gado
Dissipou-os de prompto esse timbre argentino.
Mas foi a olhar a rua e recuou gelado.

Continuava acordado o pesadelo extranho:
Por toda a parte via, immovel de terror,
Em logar da cidade o immundo rebanho
E, coalhada num riso, a face do pastor.



Le Chœur des Morts, de Lionel des Rieux



ntre os escriptores, — poetas e prosadores da nova Escola Romana — onde irradiam os soberbos talentos poeticos de Jean Moreas, de Faramond e criticos como Maurras, resplandece, como uma annunciadora e symbolica aurora, a musa divina e pagã de Lionel des Rieux, o auctor do novo volume de versos: *Le Chœur des Morts*.

O poeta começa por evocar o calmo e sereno Olympos provençal, os valles habitados por deuses e pelas companheiras d'Orpheu, as nove musas com seios virginaes, as nymphas que á beira dos regatos nos seduzem, com os seus corpos roseos, toda a ladainha preronsardiana tão apetitosa, embora nos pareça a nós outros, mais scientistas e menos renovadores do Parnaso, — um pouco velho guarda-roupa.

O poeta diz-nos que os Mestres d'Eugenio de Castro e de Gabriel d'Annunzio são os mesmos de Mistral e de Maurice Barrés, que nas veias dos poetas latinos gira o mesmo sangue, e que elles seguem o mesmo trilho maravilhoso no carro triumphal de Parnaso, guiados pelas Graças immortaes.

Não somos inteiramente da opinião de Lionel des Rieux, — o. que não impede de o saudarmos como um dos grandes poetas modernos da França de hoje e d'amanhã, um divino cantor da Natureza e do Amor, inspirando-se directamente dos poetas gregos e latinos.

Dos seus poemas o que mais nos deliciou foi a *Ruse de Thetis*, offerecido a Eugenio de Castro. Entramos em plena mythologia e os deuses do Olympo reanimam-se e revivem sob a inspiração moderna. A tentativa é muito interessante. Todo este episodio amoroso de Vulcano e a branca nympha, bem amada de Venus é descripto em rimas avelludadas, humidas de sorrisos, doces como uma manhã primaveril, sem monotonia.

O *Nascimento de Pan* offerecido a Hugues Rebell, é uma grande symphonia de Bellesa antiga, assim como o *Tosão d'Ouro*, offerecido a Moreas, versos d'um poema que é um dos mais notaveis d'este admiravel livro.

E' a Grecia e toda a sua mythologia o que inspira o poeta, como elle mesmo nos affirma nos versos a Chénier. São as ilhas d'essa ante-camara do virgem Oriente, a Thracia, os cysnes brancos, os bosques sagrados, os zephyros que cantam entre os verdes loureiros, inchando com o sopro amoroso as vestes das bachantes e as tunicas d'ouro das Deusas.

Eis o livro de Lionel des Rieux — publicação esplendida do *Mercure de France*.

XAVIER DE CARVALHO.



PSYCHE



*Como ellas se agitam no universo im-
menso, como redemoinham e se procuram
umas ás outras, essas almas sem conto que
brotam da grande alma do Mundo! Caem
de planeta em planeta e choram no abysmo
a patria esquecida...*

Fragmento Orphico.

O que buscam meus olhos anciosos,
Quando em noites de luar cariciante
Me fogem, num desejo perturbante,
Para o claro azul dos ceos radiosos?

E no mundo dos astros, deslumbrante,
Que m'os leva p'ra lá, tão saudosos
Da luz em que se alagam, mysteriosos,
— Oh Alma, tu que buscas, anhelante?...

Não sabem os meus olhos que miragem
E' que no azul m'os leva sem paragem,
Cegos da luz dos astros que os offusca...

Nem a minha Alma tambem sabe ao certo
Se o que ella busca estará longe ou perto,
E o que seja, se existe, o que ella busca!

*

E dizem as estrellas: Bem sabemos,
Oh olhos tristes, olhos insoffridos!
O que vos traz da terra assim perdidos
Como barcos sem velas e sem remos...

Já foste nossa, oh Alma, em tempos idos,
Antes da hora em que te nós perdemos...
Foste do ceo; por isso comprehendemos
Tuas ancias, teus prantos, teus gemidos !

Rolaste para o abysmo em negra hora...
Estrella que nos ares te apagaste,
Lembras-te ainda do fulgor d'outrora :

E o que assim te ergue aos ceos resplandecentes
—E' a saudade d'um bem que já gozaste
E a ancia d'outro bem que tu presentes !

*

Terra de exilio, oh Terra d'amargura !
Dos abysmos da Luz, d'onde brotamos,
Ao abysmo do teu seio nós rolamos
Por não sei que ancestral desventura...

E agora é sempre em vão que nós clamamos,
Os olhos fitos na radiosa Altura :
Que elles são baços d'esta noite escura,
E affoga a voz o pranto que choramos !

E nada d'este mundo nos consola :
Nenhum bem satisfaz a nossa Alma :
E' tudo fumo que no ar se evola !

Nosso espirito, sempre insaciavel,
Só nos seios da Luz serena e calma
Acha paz e ventura perduravel !

*

Poeira d'uma estrella que algum dia
Lançou na terra mysterioso abalo,
Se é roto o fio que a ella nos prendia,
O centro d'onde vimos como achal-o ? !

P'ra onde iremos nós a procural-o
No escuro d'uma noite tão sombria,
Se em nossa frente se apagou o halo
Que nella, como um sol, resplandecia ! ?

Fomos ao fundo, como a nau sem remos...
E a tragica bandeira do Naufragio
Pintada em nosso rosto ora a trazemos !

— Olhae todos, que todos heis-de vel-o,
Esse estigma fatal, esse apanagio,
Que é da Roda do Mundo o eterno sello !

*

Tudo nesse naufragio se perdeu...
Nem sequer a memoria nos ficou
Do que fosse essa Luz que se apartou
Das nossas Almas... se é que não morreu !

Porque, ao certo, quem sabe o que se deu
E o que era essa Luz que se apagou
E taes como hoje somos nos deixou,
— Vermes que cá de baixo olham o ceo ? !

Mas esse verme pensa ás vezes, quando
A Lua vae no ceo em ascensão,
Que já teve azas e que andou voando...

E, como se estivesse sobre brazas,
Forceja a Alma por se erguer... em vão :
— Mas sente, ao debater-se, que tem azas !

BEATRIZ PINHEIRO.

Chants de l'ame

POR

Ary René d'Yvermont (A. Parthenis)



ão realmente da Alma estes cantos: e d'uma alma a tresbordar de amor, de fé e d'esperança: como que a alma d'uma creança que nascesse poeta ou d'um poeta que se conservasse creança. Primeiro que eu o dissesse, disse-o, no bello prefacio que precede este volume, o elegante escriptor Jules Bois:

«Un enfant, c'est-à-dire quelqu'un qui aime, qui croit, qui espère. Et j'ai trouvé aussi dans vos vers cette foi, cet amour, cette espérance dont l'humanité moderne est trop sevrée.

Mas é que este poeta francez é um grego, em cujas veias corre o sangue da bella Hellade, sempre môça, *apesar de tudo*, como nos tempos de Homero e de Anacreonte—esse bom velho que morreu creança... Parece que á força de idealisar, nas suas mythologias, a Fonte de Juvencus, acabou a Grecia por realisar o que idealisara e na frente da eterna mocidade tomou um longo e salutarissimo banho que para todo o sempre a preservou das miserias e achaques da decrepitude. E é como se tal banho a gente tomara, a impressão que nos deixa este livro, ao fecharmol-o após a primeira leitura:—um grande bem-estar, uma intima satisfação, uma inapreciavel paz d'espírito e de coração, como se um grande jorro d'agua cristalina nos tivesse, por milagre, lavado a alma de todas as

impurezas da vida, de todas as misérias do mundo, de todas as inquietações do seculo.

E' o livro d'um *novô* que é novo a valer, que é novo de-veras.

Não o conheciamos, se bem que tenha já quatro obras publicadas, das quaes esgotadas tres: *Pathos* (poesias); *Saphir* (poema); *Réalité* (romance); e *L'Amour qui tue*, com prefacio de Jean-Bernard; não o conheciamos, repetimos; mas a avaliar pelo retrato que acompanha este volume que o poeta teve a amabilidade de enviar-nos, René d'Yvermont é um *novô* e um forte — com a *charpente* d'um vencedor, em toda a linha: no phisico e no moral.

E, o que mais é, o livro confirma o retrato: nestes versos a mesma fé que naquelles olhos; nestas paginas a mesma bondade que naquelles labios; em todo o volume a mesma saude e o mesmo aprumo que naquelle corpo. — Um bello livro e um bello homem. Sympathisa-se igualmente com este e com aquelle. E como não ser assim, se estas cento e tantas paginas são todas ellas um canto pegado a tudo quanto ha de bello, a tudo quanto ha de bom, a tudo quanto ha de grande — a tudo, em summa, quanto, na vida e no mundo e na alma, ha digno de ser cantado por quem estro tenha para dignamente cantar?!...

Dil-o o poeta (e, ao contrario de Frei-Thomaz, se bem o diz, melhor o faz):

«Prends ton vol glorieux, ô mon âme,

«Cours, va folâtrer dans l'éther;

«Chante le plaisir et la femme,

«Cours, va folâtrer, ô mon âme,

«Car l'existence est un éclair.

.....

«Chante toujours, ô chante encore,

«Chante l'amour, la liberté,

«Chante la terre que j'adore,

«Chante toujours, ô chante encore

«Le triomphe, l'humanité.

E a promessa feita assim na primeira pagina cumpre-a o poeta, e lindamente, em cada uma das que se lhe seguem: é ler qualquer d'esses pequeninos poemas, d'entre os quaes destacamos, como os que mais nos encantaram, os intitulados: *A la Grèce; Vengeance d'un Francais; Pro Patria; Le 25 Mars; Prima lacryma et mors; Patriotisme*; e estes bellos versos *Misanthropie*, com que vamos regalar os nossos leitores:

Misanthropie

«Un nid en un coin solitaire,
 «Loin de tout bruit,
 «Bien loin, très loin, dans le mystère,
 «Qui nous séduit.
 «Une oasis, toute fleurie
 «Au fond d'un bois,
 «Où tout porte à la rêverie,
 «Aux doux émois.
 «Avec les tumultes du monde
 «Fuir ses plaisirs,
 «Avoir l'ignorance profonde
 «Des vains désirs.
 «Seuls avec la grande nature,
 «La contempler,
 «Laisser le rêve à l'aventure
 «Y dévaler;
 «Ne point sentir que le temps passe
 «Avec les ans,
 «Ne point savoir que tout s'efface
 «Avec le temps.
 «S'aimer et sans cesse le lire
 «Au fond des yeux,
 «S'aimer toujours et se le dire
 «Devant les cieux.

«Passer à deux ainsi la vie
 «Sans se lasser,
 «Sans autre but, sans autre envie,
 «La traverser :
 «Voilà pourtant ce que je rêve,
 «Hélas ! souvent,
 «Mais chaque jour passe et s'achève,
 «Comme le vent.

Encantador, não é verdade ? delicioso ; verdadeiramente delicioso : fazendo lembrar, vagamente, certo poemeto de Sully-Prudhomme, que eu sei de cór, cantando a mesma aspiração :

«S'asseoir tous deux au bord du flot qui passe,
 «Le voir passer . .

Que Deus realise o sonho do Poeta—para elle nos dar em cada anno da sua vida, e por muitos, muitos annos, um livro como este, cheio de fé, cheio de amor, cheio d'esperança—verdadeiros *cantos d'alma* e d'alma de verdadeiro poeta.

*
 * *

A Mr. Ary René d'Yvermont, que é duplamente nosso collega, pois que, além de Licenciado em Lettras, é Doutor em Direito e Redactor em chefe do *L'Avenir Républicain*, com os nossos agradecimentos pela offerta, as homenagens da nossa profunda admiração e affectuosa camaradagem.

CARLOS DE LEMOS.

GALERIA FEMININA

Abrimos hoje esta secção para nella darmos logar a tres preciosos mi-mos que nos foram enviados: — obsequio que, pela sua expontaneidade mais ainda nos penhorou. A's tres senhoras, cujos nomes honram hoje as paginas da *Ave-Azul*, os nossos agradecimentos.

B. P.

SONETO



Nos subitos contrastes d'esta vida,*
— Feita de treva e luz, d'angustia e goso,
Adoramos a imagem esbatida,
— Vã promessa d'um sonho mentiroso.

Febril aspiração, doida corrida
N'um caminho difficil, tortuoso,
Ouvindo a voz da esperanza, que convida
Ao desalento o canto doloroso;

Foge a infancia, declina a mocidade,
E a lucta continúa, na anciedade
D'apanhar a ventura fugidia...

Felizes, inda assim, se, em cada aurora,
Nos visita, ligeira e sonhadora,
— A ave-azul — da nossa phantazia.

Coimbra, 47-3-99.

AMELIA JANNY.

FRUCTO PROHIBIDO

(aos filhinhos da Sr.^a D. V. S. A.)

A cabrinha da Ti-Zéfa era branca, branca, como leite. O pello descia-lhe do dorso em flocos finos e frisados como espuma alvissima. Todas as manhãs, quando o sol sahia detraz dos sultos, dourando ao de leve as folhas altas dos castanheiros, sahiam tambem a Branca e o filho. Iam ao pasto; iam almoçar. A Branca á trélla, o cabritinho solto.

A herva do baldio luzia, cravejada de esmeraldas; uma vaporisação lenta, subtil, erguia-se do rio, lá de baixo, lá do fim da ladeira, onde as mulheres lavavam, palrando uma conversa divagada e comesinha que os echos mal despertos imperfeitamente repetiam.

A Ti-Zéfa sentava-se a fiar, e a Branca devastava por aqui, por alem, até onde a corda permittia, todos os rebentos tenros que lhe apeteciam. Para o cabritinho era aquella hora uma hora de festa.

Saltava, cabriolava, sumia-se na verdura, dava cabeçadas nos arbustos, passeiava, devagarinho, entre as plantas altas; ás vezes apparecia-lhe o focinho entre as urzes, outras vezes emergia das gramineas, pondo, primeiro, delicadamente, um pé no musgo, depois roçando o pello pelas folhas lanceoladas, agitando as orelhas pequeninas, desenredando, emfim, o corpo todo.

Ora o baldio tinha um rebordo empedrado, para alem do qual descia o terreno a pino até ao rio. Mas, que altura, credo!

A Ti-Zéfa não a podia olhar sem entontecer.

Por alli abaixo o matto espesso florescia turgido de seiva, estonteante de aromas, mosqueado de flores, que encobriam, traiçoeiramente, grandes penedos agudos; era um manto real a vestir os ossos da terra. O cabritinho que ainda mamava, e para quem eram estranhas e indifferentes todas as flores do

baldio, sentia-se irresistivelmente attrahido pelo viço, pelo colorido, pelo aroma do massiço floral inacessível.

A Branca soltava berros de ternura materna: a Ti-Zéfa chamava-o, atirava-lhe pedrinhas, sem ser por má, só para o desviar da perfida attracção; mas dez vezes n'uma hora o travesso animal saltava ao rebordo, e contemplava com tristeza a ladeira florente.

Vozes subiam no ar, vindas do rio; ouviam-se as pancadas da lavagem, instantes depois da roupa fustigar as pedras; passaros giravam no ar, aos bandos, chilreando alegres, de caminho a buscar os logares onde a agua é pura, onde as sementes cahem das plantas. Por entre a folhagem dos fetos, folhagem de renda verde, fina e leve, as campanulas appareciam como gottas de leite ou como pintas de ceu; os malmequeres olhavam o horisonte com olhos amarellos pasmados como um sol fitando altivamente outro sol; as papoulas desdobravam garridamente a sua saia de purpura, os cardos embuçavam-se, com desdem, em manto de espinhos; mas todas ellas, mesmo as mil plantas anonymas que crescem obscuramente entre as pedras, porfiavam em enviar-lhe perfumes como uma saudação ou como um convite.

De uma vez os avisos da amisade e da vigilancia não tiveram poder sobre tão inquieto coração.

Debruçou-se, estendeu o pescoço, approximando-se quasi a tocar uma flor que ficava mais perto. Mas o empedrado esboroou-se e o animal perdeu o equilibrio, n'um desvario. A Branca deu um berro. A Ti-Zéfa correu, olhou... O pobre-sinho despenhara-se.

Mas de que altura, meu Deus!

A Ti-Zéfa não a podia encarar sem tremer.

Vozes vinham dos campos, dos trabalhos ruraes, em plena actividade..

Lá em baixo as mulheres continuavam cantando, lavando, atirando gottas de agua sobre a roupa estendida ao sol.

Lisboa.

SOPHIA DA SILVA (ROSINA)

VESPERAL



Vai a afastar-se dos campos ermos
o sendal d'oiro que os envolvia,
e já desmaiam os ceus enfermos
sobre o sepulchro que esconde o dia...

Pelos espaços bracejam sombras,
como phantasmas de sonhos mortos ;
descem á terra pelas alfombras
buscam repouso d'olhos absortos...

Pelo poente nuvens esparsas,
papoulas rubras, prezas d'encanto...
— Do sacro Horeb ardentes sarças!
Gotas de sangue n'um mar de pranto!

E o fogo extinto, diluido o sangue,
por entre as cinzas erguem-se cruces ..
Rola por terra a Vida exangue...
No ceu despontam milhões de luzes...

Villa-Real

24—12—98.

FLORENCIA PEREIRA DE MORAES.

Depois da refeição

(Quadro d'Almeida e Silva, premiado com a 2.^a medalha na ultima exposição do Gremio Artistico)



ALMEIDA E SILVA: —um nome que é já hoje, incontestavelmente, o d'um verdadeiro triumphador; nome que é um motivo de justificado orgulho para a nossa Beira e que, num tempo muito breve, não temos duvida, conhecidos e vulgarisados os seus quadros que vão sempre progredindo em perfeição, virá a ser uma alta gloria nacional que todos nos hão-de admirar e invejar.

Attestam-o as suas obras: que, por cada uma que o seu espirito, o seu alto espirito de artista superior, concebe e o seu nervoso pincel executa, um novo e maior triumpho se lhe conta.

Para acreditar que isto assim ha-de ser, para *ver* que a gloria o precede nimbando-lhe a fronte numa apotheose, esteirando-lhe de luz o caminho a percorrer, basta examinar a sua obra d'hoje, realisada em circumstancias de vida tão cheia de preocupações e de contrariedades e por isso mesmo tão pouco de molde para o trabalho repousado e largo, basta examinar a sua obra d'hoje e ouvir-lhe fallar na do futuro, na sua *verdadeira obra*, como elle lhe chama, porque a actual a classifica quasi desdenhosamente de *simples notas sobre o joelho*.

Ao ouvir fallar Almeida e Silva nessa obra que ha-de realisar em condições de vida mais socegada e que para muito breve espera, obra que elle já sonha e concebe e vê até, numa larga e radiosissima visão do futuro que o seu genio

lhe descobre, ao ouvil-o fallar assim, naquelle seu tom forte e cheio de convicção, da superioridade da obra futura sobre a obra actual, a febre do Artista toma-nos tambem, a sua convicção d'elle enraiza-se no nosso espirito, e a gente, mesmo que desconhecesse a sua obra já tão valiosa, simplesmente por ouvil-o fallar, não duvida nem por um instante de que está em presença d'um *verdadeiro* Artista, conscio da sua força, seguro de quanto vale, com uma vontade e uma persistencia assombrosas ao serviço d'um robustissimo talento, o que é, por sem duvida, uma dupla e invencivel força.

E pois, o que não conseguirá um talento, assim conjugado com um tamanha força de vontade, que não ha revezes, que não ha dissabores que logrem quebrantar, quanto mais vencer?!

Porque Almeida e Silva é um forte e um são de corpo e de espirito, com uma decidida vocação para a Arte, vivendo por ella e para ella. Se hoje lhe dissessem: — Nunca mais pintarás! — certo que Almeida e Silva não resistiria ao golpe e o coração lhe estalaria ao mesmo tempo que o pincel se lhe quebrasse...

Tem pela Arte, pela sua Arte, mais, muito mais do que simples amor: — veneração e adoração incondicional, absoluta; o que lhe põe nos olhos e nos labios, quando d'ella nos falla, explosões de entusiastica ternura e á voz lhe dá aquelle tom de commovida certeza que irresistivelmente se communica aos que o escutam e os faz partilhar da mesma fé que enche o espirito do grande Artista.

*
* *

Do seu ultimo quadro, *Depois da refeição*, aqui venho dizer ligeiras impressões, impressões simplesmente, e nada mais, que, sobre faltar-me proficiencia para mais, superfluo fôra occupar-me d'elle por outra forma, pois que unanime foi em acclamar-o a *critica* illustrada e consciente — a critica, em summa, — e o Jury do Gremio Artistico bem provou já o alto

apreço em que o tinha, concedendo ao seu auctor uma 2.^a medalha.

D'onde se vê ter Almeida e Silva chegado já, apesar de com uma bagagem artistica relativamente pequena, ao ponto d'onde outros Artistas, de indiscutivel merito tambem—o Malhõa, por exemplo—não lograram ainda avançar, com serem mais velhos e apresentarem uma lista de quadros muito mais extensa.

Depois da refeição: sobre a mancha escura da tela destaca suavemente a figura, cheia de bonhomia, d'um bom velhote abancado a uma mesa tosca, tendo em frente o prato do conducto, com os sobejos ainda, treplos e sardinha, e aos lados a caneca de barro, a brõa partida e o copo de vidro com uns restos de vinho ainda.

E' um aldeão, todo elle bem da nossa provincia, e da nossa terra, tanto nas linhas e expressão da phisionomia, como no casaco de briche ou saragoça que traz vestido, na camisa de grossa estopa e até nas unhas com uma larga orla preta, caracteristica infallivel do nosso bom camponez, avesso, em geral, a tudo o que com acelo ou limpeza se pareça.

Acabou de papar o seu jantarinho o nosso bom velhote e, muito repousadamente, accende um d'aquelles classicos phosphoros *d'espera* e chega-o ao *bregeiro* que tem ao canto da bocca, caindo-lhe assim toda a luz em cheio sobre o rosto.

Sabe-se como Almeida e Silva é surprehendente n'estes effeitos de luz: prova-o o seu quadro anterior—*Ao lar dos avosinhos*—: dois pobres velhos a aquecerem-se á lareira e no centro a nota alegre e scintillante da netinha graciosa com o rosto e os finos cabellos loiros todos cheios da luz rubra da fogueira:—pois bem: não se pode imaginar nada de mais admiravel, de mais verdadeiro, do que a *maneira* como a luz do phosphoro incide sobre o rosto d'esse velho, illuminando-lhe as cavadas rugas, os pellos grossos e asperos da barba, as farripas em desordem dos cabellos brancos. E' realmente admiravel.

A expressão phisionomica do velho é toda ella a respirar socego e paz: aquelle socego e aquella doce tranquillidade dos que se contentam com aquillo que teem, —com o que Deus dá, —sem ambições, sabendo do Mundo e do Ceo o que o seu confessor quiz ensinar-lhes, levando a vida naquella santa inconsciencia que é uma das raras felicidades d'este mundo. O bom velhote! Aquella refeição tão minguada, que o cigarro vae completar, satisfaz por completo o seu appetite sobrio e não ha duvida que d'ahi por pouco elle irá dormir á regalada uma sesta sem pesadellos.

Mas olhemol-o bem d'este lado: como que lhe passa no rosto uma leve sombra de gravidade muito doce... O que passaria na mente do bom velho assim numa evocação muito attenuada e muito vaga? Quem sabe? Talvez a cara fresca d'alguma netinha, talvez o dia cheio de sol em que o senhor cura o foi casar com a moça mais bonita de toda a aldeia; talvez... Quem sabe?! ..

Mas a olharmos para elle, a olharmos para elle, como que aquella luz artificial que o illumina de fóra se lhe transmuta para dentro e é de lá, da sua boa alma de crente, de simples, de justo, que ella vem, que ella se escapa num suave clarão que o transfigura...

Milagres que só um alto talento, como o de Almeida e Silva, consegue realisar.

Quanto ás minucias, aos detalhes, Almeida e Silva não descurou nenhum. E' a caracteristica mesa de pinho, esborrelada dos lados; é a brôa de milho amarello, junto do pedaço maior um outro esmiolado; é a caneca de barro grosseiro com ramagens, já tanto ou quanto avariada tambem: e é finalmente o copo todo besuntado, com o golo de vinho no fundo, já turvo de oleosidades á superficie.

Um bello quadro, em resumo; um esplendido quadro que nos proporcionou uma hora de elevado prazer espirital.

E agora, para terminar estas ligeiras referencias, duas li-

nhas só, que para mais me falta o espaço, sobre a obra futura d'Almeida e Silva.

Portuguez que ama a sua terra e particularmente a sua provincia, esse amor reflectir-se-lhe-á no trabalho que será todo bem portuguez e com uma feição accentuadamente regionalista. D'isto se convence quem ouve discurrir o Artista ácerca da sua obra futura. Em todos os assumptos de quadros que elle sonha — e são tantos! — as figuras são todas bem nossas, da nossa terra, e as scenas todas tiradas da nossa historia ou aproveitadas da nossa vida de todos os dias.

Por isso Almeida e Silva será, primeiro que tudo, um pintor portuguez.

Quanto á sua orientação artistitica, de ver é que Almeida e Silva é um fervoroso apostolo da Arte sã, sem exotismos, sem falsa sentimentalidade. Provam-o os quadros já feitos e o seu rico temperamento de sadio e de forte, avesso a tudo quanto fôr doentio e anemico.

Com isto só teremos que ganhar nós outros, pois, neste periodo que vamos atravessando tão eivado de organismos depauperados e de caracteres sem energia, bem preciso se torna quem nos evoque a bella robustez moral e physica dos antigos, tão cheios de graça na sua força, e nos levante assim do marasmo em que nos vamos afundando lentamente — quasi sem darmos por isso ou sem a isso ligarmos a minima importancia, o que é peor ainda.

BEATRIZ PINHEIRO.



POETAS DA BEIRA

VOZ DO CÉO

(De toda a minha alma--ao Carlos de Lemos)



D'onde me surgirá, que hei-de sempre encontral-a
No caminho que sigo allucinado e á tôa ? !
Como uma harpa colea a sua doce falla
A toda a hora a sinto, em toda a parte ecôa.

Hei-de morrer a ouvil-a : hei-de talvez leval-a
Para as regiões do *Alem* onde o espirito vôa !
E o nosso enlace então será na fria vala,
Pois vem a ser ali que Deus nos abençôa.

E embora a sua voz tão cristallina e pura,
Como as aguas lustraes do biblico Jordão,
Traga sempre o luar á minha noite escura,

Eu sinto um não sei quê... um mau presentimento :
E vejo o seu amor—Terra da Promissão !
A fugir... a fugir... mais leve do que o vento !

ALVARO DE ALBUQUERQUE

PÃO DE AMOR

(Do *Ares da Minha Terra*
em preparação)



*Minha Senhora das Dôres,
Sombra do meu meio-dia,
Dia-Santo dos amôres...*

*O' Senhora Morgadinha,
Dona da minha Ilusão,
Dona da terra fartinha
Que forma o meu coração,
E que trago, sem ser minha,
Só por Vos ter afeição,
Bem guardada e defendida :
Pois até lhe puz em roda
Os muros da minha vida,
Uns muros que a cercam toda...*

O Senhora Morgadinha,

*Meu Coração é uma herdade,
De que dou confrontações :
Fé, Amor e Caridade
Com os outros corações.
Linda terra, na verdade,
Terra de grande valia,
Com seu pomar, sua vinha,
Sua sombra ao meio-dia,
Seu sol mal é manhãsinha...*

O' Senhora Morgadinha,

*Eu sou aquelle lavrador,
Que, só Pão d'Amor lavrando,
Pelo Pão do Vosso amor
A vida leva esmolando.*

*O meu amor é creado
Dentro d'este coração
Que, num dia malfadado,
Por Vós me foi arrendado
Com a negra condição
De Vos dar o Pão lavrado
Nesse mesmo coração :*

*Assim tudo se consome . .
E p'ra quem trabalho eu?
Para quem me mata á fome,
Vivendo d'um Pão que é meu.*

*Senhora, d'esta maneira
A minha vida d'agora
E' uma pegada canceira :
Eu não descanso uma hora*

*P'ra Vos dar toda a riqueza
D'um coração que engeitaes,
E Vós, com grande avareza,
Nada do Vosso me daes . . .*

*Ponho-me a terra a lavar,
Pão d'Amôr recolho á farta :
Pão que dou, sem encontrar
Quem do seu por mim reparta.*

*Os cuidados-lavradores
Tomam-me por inimigo:
Eu a lavrar meus amôres,
Elles a lavrarem comigo.*

*Tempo da colheita, e ás vezes
O frio sem me deixar:
Passam dias, passam mezes,
Sem ver sol no Vosso olhar.*

*E, quando o sol da alegria
Na eira devia dar,
Vem a desgraça sombria,
Passo o meu tempo a chorar...*

*Senhora da Graça, embora
Prantos de sangue me custe,
Já não posso mais, Senhora,
Venho dizer-Vos agora
Que desfaço o nosso ajuste.*

*Eu quero que se desfaça,
O que entre nós se ajustou,
Pois parece que a desgraça
Comigo se assoldadou.*

*Eu quero mudar de vida
E melhorar esta sorte...
Terei paga engrandecida,
Pois arrendarei á morte
Os campos da minha vida...*

*Tomae lá meu coração
Com seus fructos, suas flores ..
Fazei Vós, por Vossa mão,
Essa colheita d'amôres.*

*Vós haveis de o grangear :
E quem grangeia uma herdade
Ha-de a final acabar
Por ter-lhe alguma amizade...*

*Podeis mandal-o lavrar,
Já que sois a Senhoria.
Se não, deixae-o ficar
Para ahi, sem o lavrar,
Tornado terra bravia:*

*Cresçam silvas e tojaes...
Não lhe darão maior dôr,
Nem o hão-de cortar mais
Do que essa dôr que lhe daes
Com o Vosso desamor.*

*Cresçam silvas e tojaes...
Talvez venha a acontecer
Que as silvas Vos prendam mais
Do que Vos hão-de prender
Estes queixumes e ais...*

*Talvez venha a acontecer
Que as silvas Vos prendam mais...*

ANTONIO CORREIA D'OLIVEIRA.

XVII

Dos olhos, por desgraça, não consigo
A tua imagem tirar, que m'enlouquece!
Em toda a parte a vejo; anda commigo;
Por mais longe que vá, lá m'apparece!

Meu pobre coração, porque a maldigo
De vel-a torturar-m'o, se entristece!
Porque estará meu coração contigo,
Se soffre como eu soffro e não se esquece?

Porque é que elle anda, o pobre amargurado,
Em cada dia que passa mais contente,
Quando eu sou cada vez mais desgraçado?

Julga talvez que o teu olhar que mente,
Ainda virá dar-lhe,—que cuidado!—
A sonhada ventura, eternamente!

Mar Vermelho,—a bordo do «Admiral»
3—XII—1899

XIX

Tenho dentro do peito, na agonia,
A pobre da minh'alma amargurada...
E vae morrer a triste, abandonada
De quem tão grande affecto lhe devia !

Vae morrer a minh'alma, torturada
P'las dolorosas magoas que soffria,
Emquanto quem lh'as deu, em cada dia,
Mais alegre se vê e descuidada !

Alma minha gentil, celeste encanto,
Minha-Estrella-do-Norte n'esta vida,
Aonde inda navego a soffrer tanto :

Se vaes partir p'ra a Terra-Promettida,
Quem ha-de, n'este mar d'amargo pranto,
A minha Nau guiar, quando perdida ?...

Lisboa,—24—3—1899.

SOARES CARDOSO (MARIO SERRA)

THOMMAZO CANNIZZARO



este illustre poeta siciliano recebemos ha pouco a elegante plaquetta—*Nel primo centenario della nascita di Almeida Garrett*—recolho de traducções d'algumas poesias das *Folhas cahidas*, com que o sr. T. Cannizzaro fidalgamente se associou ao nosso centenario, por convite do sr. Joaquim de Araujo, a quem numa affectuosa carta é offerecido este precioso mimo. São d'essa carta as linhas que pedimos venia para transcrever, pois que pela modestia que revelam mais fazem realçar o valor da obra:

«Certo, malgrado ogni mia cura per tenermi fidele al contenuto e alla métrica, esse son ben lontane dal rendere l'im-
«peto, la passione, la freschezza, la vivace spontaneità che
«formano il loro migliore pregio nell'originale.

Ora, transcrevendo-as, seja-nos licito tambem protestar e —justificar o protesto.

O sr. T. Cannizzaro é um poeta que de ha trinta e tantos annos para cá vem enriquecendo as Lettras Italianas com nada menos que nove volumes de versos originaes e tres volumes de traducções, entre os quaes o *Sonetti Completi* de Anthero de Quental, publicado ha mezes, que lhe valeu de criticos italianos e portuguezes unanimes e justissimos louvores.

E', em toda a extensão da palavra, um Mestre da sua lingua e da sua arte e, o que sobretudo nos interessa, um pro-

fundo conhecedor da nossa lingua e um consciencioso vulgarizador da nossa litteratura.

Se tanto não basta, não será com palavras minhas que lhe tecerei mais largo elogio: breve saberão porquê; mas fal-o-ei, e nisso todos temos que ganhar, com palavras d'um homem que pelo talento e pela erudição era dos mais competentes e pelo character e pelo coração ninguém ousará taxar de atreito a lisonjas.

O sr. Th. Cannizzaro é auctor, entre outros volumes, do *In solitudine*, recolho de poesias originaes publicado em 76 e 80 e do *Fiori d'Oltralpe*, recolho de traducções publicado em 84.

Do *In solitudine* disse Anthero de Quental:

«... la lecture de votre livre m'avait fait entrevoir, derrière le poète exquis, l'homme à l'intelligence large et au cœur haut placé—c'est-à-dire, un poète *complet*, ce qui est rare.

E na mesma carta, a respeito do *Fiori d'Oltralpe*:

«Là où je connais les originaux, vos traductions m'ont semblé très remarquables. Votre connaissance des langues et des littératures étrangères est vraiment étonnante.

Vão vendo?...

Mas ha mais. O sr. T. Cannizzaro traduz algumas poesias de Anthero; e este, em carta de 88, diz-lhe:

«Quanto ás suas traducções são bellissimas. Sobretudo na dos *Captivos* ha versos d'uma harmonia e d'uma expressão taes que eu desejaria que o original tivesse muitos assim: «agradando-me bastante as traducções dos 2 sonetos, entre-tanto a dos *Captivos* pareceu-me incomparavel. Quero crer que a traducção dos meus versos offerece, como diz, arduas difficuldades: mas lendo as suas, ninguém as suspeitará, tão natural e facil corre o verso, tão limpidamente se desenvolve o pensamento.

E tanto e tão vivamente o impressiona isto, que, passado mais d'um anno, volta ainda a fallar-lhe d'ella:

«A sua traducção de *Os Captivos* pareceu-me agora ainda

«melhor e agradou immenso a dois amigos, bons poetas e co-
«nhecedores da lingua italiana, a quem a dei a ler. O pensa-
«mento dos meus versos está ali interpretado não só fielmente
«mas eloquentemente, e assim expresso na lingua por excel-
«lencia poetica, que é o italiano, até me parece outra coisa e
«muito melhor.

E já agora, se bem que de sobejo provados fiquem os
meritos e excellencias das traducções do sr. T. Cannizzaro,
deixem-me ainda, a proposito, apontar este caso que é fri-
zantissimo.

Todos quantos conhecem os sonetos de Anthero sabem
como alguns, por muito syntheticos e profundamente philo-
sophicos, ficam, senão impenetraveis, pelo menos sujeitos a
multiplas interpretações. Um d'esses é o intitulado *Palavras
d'um certo morto*, que o proprio Anthero confessa ser *talvez
um pouco obscuro e methaphysico* e terem-lhe varias pessoas
já perguntado qual o seu verdadeiro pensamento.

Nesta ultima carta explicava-o elle e dava dos seus seis
ultimos versos traducção franceza que auxiliasse o sr. Th.
Cannizzaro na versão que d'elle tentara para italiano.

Cruzou-se a carta de Anthero com outra do sr. Th. Can-
nizzaro que lhe trazia o soneto traduzido *de modo*, diz-lhe
Anthero em resposta, *a reproduzir exactissimamente o pen-
samento do original, como verá comparando-o com a tra-
ducção franceza que na minha carta da semana passada lhe
enviei.*

E accrescenta ;

«Fiz essa traducção por reconhecer que ha bastante obs-
«curidade naquelle final; mas a sua rara perspicacia não pre-
«cisou do meu *commentario bilingue* para acertar não só ri-
«gorosa mas felicissimamente.»

Ora quem assim soube comprehender e traduzir Anth-
ero, que muito que saiba comprehender e traduzir — e na
verdade tenha comprehendido e tradusido — Almeida Gar-
ret parfeitissimamente ?



E agora o motivo porque fugi de desfolhar louvores meus aos pés do illustre poeta e insigne traductor de Anthero e de Garrett: é que o sr. Thomazo Cannizzaro acaba de publicar na primoroso revista de Lettras e de Artes — *Iride Mameritina*, de que é director em Messina o sr. F. J. Giuffré, a traducção para italiano do meu ultimo poemeto *Georgica* — de tudo quanto escripto tenho aquillo a que mais quero: e os que me saibam da vida e me tenham lido a *Georgica*, avaliarão bem porquê. Assim pois, se eu me limitasse a dizer-lhes que na versão dos poemas de Garrett e na da *Georgica* o sr. Th. Cannizzaro interpretara fielmente o pensamento do original e reproduzira rigorosamente os metros e a disposição das estrophes e das rimas, era a verdade pura o que eu diria, é certo; mas poderiam os que me não conhecessem dar por suspeito o meu testemunho, attenta, alem de tudo o mais, a divida de gratidão em que estava para com o illustre poeta.

Fallou Anthero do Quental por mim, que me limito a beijar, reconhecidissimo, as mãos do sr. Th. Cannizzaro pela honra immerecida e pela offerta gentilissima de trinta dos cincoenta exemplares que S. Ex.^a tirou, em separata, do n.º 7 do 2.º anno da supracitada revista, publicado a 1 do passado abril.

E, porque só assim posso testemunhar-lhe o meu profundo reconhecimento, ainda por este numero será interrompida a publicação dos *Serões Posthumos*, para em seu lugar offerecermos aos leitores da *Ave-Azul* a *Georgica*, no original e na versão italiana, dando-lhes assim ensejo, aos que bem conheçam o italiano, sobretudo, de por si proprios avaliarem quanto eu tinha que dizer e que, por penhorado, não posso e, por incompetente, não sei — dizer como devia.

CARLOS DE LEMOS.